

EM QUE ACREDITAMOS OS PSICOANALISTAS?

Enrique Tenenbaum, Lacanoamericana 2024

enriten@icloud.com

Acontece de eu receber pacientes que dizem acreditar em um deus, mas que não acompanham sua crença com práticas religiosas: eles se definem como crentes não praticantes; também recebo pacientes que praticam rituais religiosos aos quais não atribuem crença, como aqueles que vão à missa aos domingos "porque sempre foi feito em minha família", ou aqueles que vão à sinagoga pelo valor social das reuniões ou para manter a tradição.

1.

A distinção, no discurso comum, entre crença e prática não é nova, mas também não é uma questão natural, nem sempre foi assim. Nas teocracias, por exemplo, uma descontinuidade entre política e religião, ou seja, entre práticas humanas e mandatos divinos, é

impensável. A Inquisição na Espanha, para citar um exemplo bem conhecido, exigia a conversão de muçulmanos e judeus sob pena de morte ou expulsão. Os marranos, como eram chamados os judeus convertidos, declaravam-se cristãos, praticavam ritos cristãos, mas na privacidade de suas casas continuavam a acreditar em Yahweh, seu único Deus, e a praticar a liturgia judaica. No entanto, como não tinham a oportunidade de se reunir para estudar a Torá, sua formação doutrinária foi enfraquecida ao longo das gerações. Assim, a Inquisição se deparou com um núcleo irreduzível de crença, um núcleo inconversível e, portanto, contentou-se, se assim posso dizer, com a declaração de fé e as condutas de acordo com ela, sabendo que a conversão completa era improvável. A controvérsia de Valladolid foi exemplar nesse aspecto.

Sabemos, de nossa parte, que uma declaração do ego é insuficiente e que a articulação entre crença e prática religiosa tem seu correlato, ou melhor, sua fonte, inconsciente. Freud nos adverte que quando alguém se diz praticante, mas não assume uma crença como causa

dessa prática, estamos lidando com uma neurose: a neurose obsessiva é, nos disse Freud, uma religião privada, na qual a dimensão da crença é reprimida; enquanto isso, as religiões em sociedade seriam uma neurose obsessiva universal. Em ambos os casos, a crença assume a figura de um pai salvador.

Lacan, por sua vez, localiza a dimensão da crença no sintoma, apontando que é ali - no sintoma – onde se acredita. A análise intervirá na relação entre o fantasma, que fornece a estrutura para a crença, e o sintoma, que é onde a crença é realizada e onde é lida. Não é tanto o que se acredita que importa, mas onde.

Lacan diz em 1975: "O que estou tentando fazer, o que estou tentando fazer, é dar a essa crença outra forma de credibilidade. É verdade que fracassarei nisso, mas isso não é motivo para não empreendê-lo". Enfatizo dois pontos, o primeiro é que não importa em que se acredita, o segundo é que se trata de dar ao sintoma outra forma de credibilidade, e acrescento um terceiro: ele fracassará.

Entendo que fracassará devido à inconvertibilidade da crença. Há um núcleo irreduzível de crença, e o que a análise pretende não é converter a crença, no sentido de conversão religiosa - de mudar Deus, de mudar o conteúdo da crença -, mas também não é deixar de acreditar, mas que o sujeito - consciente da dimensão de crença da realidade fantasmática - não transforme sua vida em uma prática religiosa, ou seja, neurótica, com base naquilo em que acredita.

A questão, então, é o que acontece no final de uma análise, o que resta da dimensão da crença e o que resta das práticas rituais - por exemplo: dos traços de caráter, desvinculados da crença. No que diz respeito aos analistas, que é o título de minha intervenção, em que nós, psicanalistas, acreditamos? Agora, mais precisamente, cientes de que há um núcleo irreduzível de crença, a questão é sobre o destino desses remanescentes de crença no final da análise, nos psicanalistas.

2.

A existência da Reunião Lacano-Americana é inseparável da dissolução da EFP por Lacan. Ela é sua fonte, pois é durante esse trabalho de dissolução que Lacan viajará a Caracas para se reunir com seus lacano-americanos. Algo é fundado por essa nomeação, e não é indiferente que seja fundado a partir de uma dissolução. Nos próprios termos dessa dissolução, encontramos a referência de Lacan à religião (na IPA, mas também em sua escola) e às práticas dos analistas na extensão e seus resultados (já que ali ele descarta os resultados do passe). "Sabemos o que custou a Freud permitir que o grupo psicanalítico ultrapassasse o discurso e se tornasse uma Igreja. A Internacional, pois esse é seu nome, é reduzida ao sintoma de que ela é o que Freud esperava dela".

Será que estamos correndo o mesmo risco com Lacan, e haverá um sintoma, ou seja, um núcleo de fixação de crença, em relação ao que Lacan esperava da comunidade analítica? Em caso afirmativo, onde ele se revelaria, se não nas práticas dos analistas na extensão?

3.

Volto a outro viés, que é o forte cunho religioso de certas formulações, certamente não menores, de Lacan. Lacan nasceu em 1901. Em 1905, a França decretou a separação da Igreja e do Estado. Por que um filho dessa separação da Igreja e do Estado introduziu como significante mestre da doutrina psicanalítica um significante principal do catolicismo, o Nome-do-Pai? Porque o pai totêmico inventado por Freud, o pai que atua após seu assassinato, o pai morto, é o que é simbolizado pelo Nome-do-Pai. O pai que Lacan introduz tira sua nomeação da indicação de Jesus, a de imergir os discípulos, de imergi-los em um nome, no Nome-do-Pai. É disso que se trata o ritual do batismo cristão (Mateus 28:19). O Nome-do-Pai diz respeito à dimensão simbólica; é, portanto, um significante.

Lacan desdobrará a questão do Nome-do-Pai a ponto de tentar desprendê-lo e desvinculá-lo do matiz de religiosidade que ele introduziu na teoria. Ele falará do pai que nomeia, observará que o pai simbólico não existe, se referirá à dispensa (*prescindir, s'en passer*)

desse significante com a condição de fazer uso dele, abrirá o nome ao plural e falará dos nomes do pai, até mesmo da evaporação do pai. Mas, mesmo assim, a questão continua pertinente. Como sugere o título de um livro "*Pas très catholique, Lacan?*"

Vou propor minha leitura, que faço de uma advertência feita na primeira sessão do seminário sobre os fundamentos, na qual Lacan pergunta: "existem conceitos analíticos formados de uma vez por todas? A manutenção quase religiosa dos termos utilizados por Freud para estruturar a experiência analítica, a que se deve isso?" e, em seguida, denuncia que a manutenção desses termos no centro do debate não impede que "a maioria deles seja falsificada, adulterada, quebrada, e aqueles que são muito difíceis, pura e simplesmente são deixados em uma gaveta".

Minha leitura é que Lacan procede à dessacralização dos termos conceituais freudianos, que, falsificados, deram origem a práticas impostas pelo uso

e não pela letra freudiana, como a sessão de 50 minutos, a habilitação do analista confundida com autorização, o fim da análise teorizado como identificação com o eu saudável do analista.

Essas práticas, ritualizadas, transformaram a IPA em uma organização quase religiosa. "Não estou dizendo - embora não seja impossível - que a comunidade psicanalítica seja uma igreja. Inexoravelmente, porém, surge a pergunta sobre o que nela pode ter ressonâncias de prática religiosa".

4.

É surpreendente que, na mesma sessão em que Lacan se pergunta se a psicanálise é ciência ou religião, ele se declara excomungado. Sabemos que, tendo sido excluído da lista de didáticos da IPA, ele dá a única sessão do seminário *Os nomes do Pai*, na qual ele fala não do deus dos filósofos, não do deus dos cristãos, mas do deus dos judeus, do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. (Êxodo 3:15)

Quando Lacan se nomeia excomungado, ele não se nomeia como católico, como ele era, mas como judeu,

identificado com Spinoza nos próprios termos da excomunhão maior. Spinoza, lembremos, foi excluído de sua comunidade porque negava certas convenções estabelecidas que ele não encontrava nas escrituras, como a imortalidade da alma e, portanto, a eficácia da punição na vida após a morte, ou a ressurreição dos corpos.

A identificação maciça do homem Lacan com o homem Spinoza durará tanto quanto durou esse seminário, que conclui com a inaceitabilidade da posição de Spinoza sobre as formas de conhecimento. O limite, diz Lacan, é o amor intelectual de Deus, e insinua que ele superou sua identificação, como podemos ler no final do seminário.

Mas vale a pena perguntar se os efeitos dessa identificação não continuaram. Nesse sentido, não deixaremos de assinalar que o que Lacan teorizou a posteriori, pelo menos em termos de práticas institucionais, baseou-se em sua deriva pessoal, a de ter sido desqualificado como didata.

Lembremos que a distinção entre habilitação e autorização só será feita com a fundação do EFP.

Quanto à marca do que ele chamou de excomunhão, não é surpreendente que, tanto na fundação de seu EFP quanto na ocasião de sua dissolução, ele faça referências explícitas à IPA e à religião.

5.

Assim como, em seu retorno a Freud, ele se dedicou a devolver os termos freudianos ao que ele considerava seu lugar, o de fundamentos e não o de conceitos, ou seja: produzindo sua lógica, dessacralizando-os e desmistificando-os, minha leitura é que Lacan dessacralizou os termos do catolicismo, transformando-os em seculares, ou seja: leigos.

Nesse processo, ele procedeu como um republicano francês, distinguindo entre práticas religiosas e fé, distinção que é o tema que nos convoca aqui. Esse procedimento foi chamado de secularização: o Estado francês, de Napoleão até 1905, sustentou e regulou as práticas religiosas ao mesmo tempo em que se declarava laico.

Profano, herege, herege no bom sentido, Trindade do nó, RSI, hérésie, santo, sinthoma, entre outros, são todos termos que Lacan tomou e destacou do discurso religioso para secularizá-lo. Mesmo que nesse percurso ele tenha cometido alguns deslizes, como aceitar a tradução de Marie Bonaparte da Análise secular (laico, *laien*) de Freud como Análise profana.

Se Lacan se definiu como profano e herético, e não como secular, que é como Freud o fez, devemos acompanhá-lo na tomada dessa posição, a que emergiu desse momento de identificação maciça com Spinoza, ou devemos seguir o traçado de seu caminho para considerar como esses termos dizem respeito ou não à prática da psicanálise? Mais uma vez, devemos guardar suas palavras como se estivessem gravadas em pedra, definitivas, sagradas, ou devemos situá-las nas discussões de seu tempo, com outras discursividades e com outros interlocutores?

Pois a ponta da verdade perde sua eficácia quando não é adaptada ao tempo. Ou não afiamos nossas tesouras e nossas facas de tempos em tempos?

Lacan renovou a linguagem freudiana e a colocou em seu tempo. Ele não falava mais de inveja do pênis, por exemplo. Ele levou Édipo do mito para a estrutura, por exemplo. De maneira análoga, a novidade e o impacto que algumas formulações lacanianas tiveram em sua época são hoje frases desgastadas, desgastadas de sentido, de borda e de efeito. Continuaremos a insistir em "não há relação sexual"? em "a mulher não existe"?

6.

Se houvesse um sintoma, isto é, uma consolidação da crença, um sintoma do que Lacan esperava dos analistas, certamente o encontraríamos no próprio discurso e no vínculo entre os analistas.

Quanto ao discurso, quanto há de sagrado na repetição de citações, quase sempre as mesmas? Quanto há de falado em línguas ao citar sem questionar ou argumentar ou discordar? Discordar?! Si! Ou Lacan era infalível?

Quanto ao vínculo, quanto há de ritual nas práticas institucionais dos psicanalistas? Quanto há de estrutura

artificial de massa em suas organizações, algumas das quais se tornaram exército ou igreja?

Se não interrogarmos os termos do discurso de Lacan como secularização e prolongamento do discurso de Freud, se não mantivermos o trabalho de ler como e em que termos Lacan leu e questionou Freud, não seremos capazes de fazer nosso próprio trabalho de secularização, que é a reinvenção que cada um de nós é forçado a fazer. Se não fizermos esse trabalho, corremos o risco de nos tornarmos: de nos tornarmos marranos psicanalíticos, de nos tornarmos lacanianos sem fé e freudianos sem doutrina.